

VICENTE

COLECÇÃO DIRIGIDA POR OSÓRIO MATEUS

Osório Mateus
TORMENTA

Quimera

LISBOA 1988 | e-book 2005

Carta que Gil Vicente mandou de Santarém a el rei dom João, o terceiro do nome, estando sua alteza em Palmela, sobre o tremor da terra que foi a 26 de Janeiro de 1531.

1562, *Copilaçam de todalas obras de Gil Vicente*, 257-258

Tormenta, auto, carta.

Sei da tormenta pela história. Acredito que a carta de Vicente se dá a ler como memória verídica do artista. Uma vez lida, há que a articular, reler e inscrever o auto na história.

As coisas não são simples e a ordem do discurso não é linear.

Durante cinquenta dias do inverno de 1531, há no centro do país uma série de tremores de terra de consequências desastrosas para a população, que vive em estado de pânico, fome e peste.

O cronista Diogo do Couto recorda o estado do reino na *Década quarta da Ásia*. Cito pela leitura de Braamcamp Freire (1919):

... porque este ano foram tamanhos os terremotos em todo ele, principalmente em Lisboa, Azambuja, Almeirim, Santarém e outras partes, que caíam a mor parte dos edéfcios: e foi no mar a tempestade tamanha que destroçou e quebrou todas as naus que estavam no porto de Lisboa, e se afirma que o rio Tejo se abriu pelo meio, apartando-se suas águas, deixando caminho de feição que apareceram as areas. Com isto foi tamanho o medo nas gentes que se foram morar aos campos em lapas e tendas ... e houve nos céus grandes e espantosos sinais, de que os homens andavam como pasmados.

No *Auto de santo António*, Afonso Álvares dá os tremores como presentes, durante a fala de abertura do representador Gonçalo Macho:

*e por estas cousas tais
vem a rigurosa peste
e estes tremores mortais
porque porque conheçais
que um açoute com'este
vem polos males que obrais*

O mesmo significado da catástrofe – *polos males / per nossos pecados* – está presente na narração dos *sinais espantosos* feita por Garcia de Resende na *Miscelânea*. São onze estrofes que terminam assim:

*cousas per nossos pecados
nunca vistas dos passados
nestes reinos nem ouvidas
Deos nos livre nossas vidas
de casos tam desastrados*

Amato Lusitano, médico e humanista judeu a quem ainda terei de voltar, recorda a memória horrível na *Centuria IV*. Cito pela leitura de Firmino Crespo (1968):

Terrae motus horribilis eventum Olissipponae et regioni ei circumvicinae.

Do *Auto das Regateiras* de António Ribeiro Chiado vem uma memória do *tremor da terra*, já serena, mas que se desencadeia ao dizer *trinta e um*.

A Velha, dona da casa, fala com o futuro compadre, Pero Vaz. Fazem o discurso dos bens e, entre eles, conta-se uma escrava negra, que tem os anos do século: *trinta e um* em 31.

Transcrevo do exemplar que está na Biblioteca Nacional de Lisboa:

Pero Vaz . *E esta de qu'anos será?*
Velha . *Ela veio a meu poder*
moça de trinta e um ano
não tendes comigo engano.
Pero Vaz . *E agora que pode haver?*
Velha . *Não dirá Deos que vos menta*
houve-a no tremor da terra
pode agora ser essa perra
moça dalguns cincoenta
salvante s'a conta erra.

A catástrofe é lembrada como *o* terramoto, *o* tremor, *a* tormenta – por excelência nefanda – até que em 1755 outra maior sobrevenha e se aproprie da definição.

A 26 de Janeiro de 1531, a corte está no Lavradio, onde parece ter sido bastante preservada. Vicente está em Santarém, povoação atingida pelo sismo, e intervém nas circunstâncias com um auto dirigido aos frades pregadores. É alguém que merece ser ouvido, é uma autoridade pontual que se institui.

Os discursos e práticas dos frades pregadores interpretavam a catástrofe como *ira Dei*, e faziam esmorecer e espantar as gentes com o anúncio da repetição iminente da tormenta. Vicente promove uma acção que integra o proferir de uma fala em prosa trabalhada (um sermão fingido), num espaço anunciado (a crasta de São Francisco), para um destinatário por instantes mudo: os circunstantes, que podem não ser apenas os frades.

A diligência de fala em 1531 em Santarém é uma acção teatral. Há uma figura única, feita pelo corpo do autor, há representação verbal do auditório. São materiais repetidos da arte teatral de Vicente.

Teatro: *este auto*, escreve o autor. Mas não só por aí assim o digo.

Na *diligência* de Vicente é preciso reconhecer um nível específico de teatralidade que recusa a separação entre actor e autor e que, num tempo preparado, requiere totalidade de presença. O restauro do auto pode contribuir

para alterar as fronteiras impostas pela economia romântica ao conceito de *teatro* e há-de verificar-se que o valor do termo se transforma, ao longo da história das formas. Para cada instante ou circunstância documentada, os limites têm que voltar a ser medidos e tornados a marcar. Além de que há sempre mais que um mapa.

O auto é teatro de projecto purgatório, de naturalização do disfarce. O efeito de exclusiva intenção apologética é figura comum a outros autos e marca um teatro ainda funcional. A substância da fala em prosa é da mesma ordem da *Pregação* em Abrantes (1506) ou do intróito da *História de Deos* em Almeirim (1527?). E o teatro da tormenta tem nexos formais comuns ao teatro da peste, que foi muitas vezes o de Vicente: *theatrum mortis*.

Em 1531, em Santarém, Vicente escreve: *assi vezinho da morte como estou*. Mas o fim ainda tarda e 1531 é tempo produtivo na história do seu trabalho teatral.

A primeira sequência da fala trabalha a oposição de dois conceitos – *divino* e *natural* – e distingue *dous mundos*. Esta primeira articulação tem ecos sucessivos no texto.

Reverendos padres:

257

O altíssimo e soberano Deos nosso tem dous mundos: o primeiro foi de sempre e pera sempre que é a sua resplandecente glória, repouso permanente, quieta paz, sossego sem contenda, prazer avondoso, concórdia triunfante, mundo primeiro.

Este segundo em que vivemos a sabedoria imensa o edificou polo contraio, scilicet, todo sem repouso, sem firmeza certa, sem prazer seguro, sem fausto permanente, todo breve, todo fraco, todo falso, temeroso, avorrecido, cansado, imperfeito

A teoria dos *dous mundos* é a cosmogonia de Platão, na medida em que a Igreja de Roma e Santarém a podem aceitar:

pera que por estes contrairos sejam conhecidas as perfeições da glória do segre primeiro e pera que melhor sintam suas pacificas concordanças.

O movimento dialéctico da bifurcação de *contrairos*, antíteses de corpo e alma, prossegue. O mundo segundo é também *contraio* entre si:

*Todo los movimientos que neste orbe criou e os efeitos deles são letigiosos.
E porque nam quis que nenhũa cousa tivesse perfeita*

durança sobre a face da terra, estabeleceu na ordem do mundo que ãas cousas dessem fim às outras e que todo o género de cousa tivesse seu contrairo como vemos que contra a fermosura do verão o fogo do estio, e contra a vaidade humana a esperança da morte, e contra o fermoso parecer as pragas da enfermidade, e contra a força a velhice, e contra a privança enveja, e con (257) tra a riqueza fortuna, e contra a firmeza dos fortes e altos arvoredos a tempestade dos ventos, e contra os fermosos templos e sumptuosos edifícios o tremor da terra que per muitas vezes em diversas partes tem posto por terra muitos edifícios e cidades. E por serem acontecimentos que procedem da natureza nam foram escritos, como escreveram todos aqueles que foram por milagre

A teoria é magnífica e não conheço reaparição do *topos* nesta forma: só é milagre se está escrito:

como templum pacis de Roma que caiu todo supitamente no ponto que a Virgem nossa senhora pariu e o sovertimento das cinco cidades mui populosas de Sodoma, e dos egícios no mar Ruivo e a destruição dos que adoraram o bezerro e o sovertimento dos que murmuraram de Mousés e Arom e a destroição de Jerusalém por serem milagrosos e procederem per nova promessa divina sem a ordem deste segre nisso ter parte. E porque nenhũa cousa há i debaixo do sol sem tornar a ser o que foi e o que viram desta qualidade de tremor havia de tornar a ser per força ou cedo ou tarde nam o escreveram.

A primeira sequência diz que termina e Vicente alude à queima do corpo:

Concruo que nam foi este nosso espantoso tremor ira Dei mas ainda quero que me queiem se nam fizer certo que tam evidente foi e manifesta a piedade do senhor Deos neste caso como a fúria dos elementos e dano dos edefícios.

A arte é uma resposta dos homens ao que provoca o seu sofrimento e o sermão fingido do homem leigo, artista cristão do rei pio, inculca uma filosofia de aceitação dos sinais presentes, imprevisíveis e inevitáveis.

Teatro da tormenta e da alteração. Re-sagnar: porque depois da morte há outra vida. Ler os sinais e o seu contrário.

A imperfeição temporal da natureza é a eterna perfeição divina e a fúria dos elementos ainda manifesta a piedade de Deus, que poupou o rei e o autor.

E respondendo à segunda proposição contra aqueles que dezião que logo viria outro tremor e que o mar se levantaria a vinte e cinco de fevereiro

A nova sequência fraseia as categorias *futuro* e *presente*, como duplos e irredutíveis objectos do conhecimento humano.

Primeiro assunto: é interdito tentar adivinhar o futuro.

Vicente representa a história dos tempos e das leis por uma sucessão de figuras nominais na mesma fala de um só corpo: *paraíso terreal, Mousés, Deos e homem*. A maneira é a mesma dos autos que contam a história divina da humanidade pela sucessão de figuras por corpos (*História de Deos, Cananea*, ou os anónimos *Geração Humana e Deus Padre Justiça e Misericórdia*).

Nos três momentos desta história que vem até Cristo, há três pregões divinos que proibem à criatura humana a audácia de querer adivinhar coisas que estão por vir, que pertencem à onipotência do Padre, que só têm ser no segredo da sabedoria eterna. Os profetas foram de um tempo passado, já não há-de haver mais.

No século XVI, em sectores que podem ser afins a Vicente, recrudescer o pensamento joaquimita, condenado por herético, e segundo o qual o terceiro reino, o do Espírito Santo, da justiça e da abundância, teria chegado ou estaria para breve. Em 1531, Vicente pode estar também a aludir a tais doutrinas proféticas, condenando-as. Mas sei pouco da sua relação com o mundo, da sua posição entre os mais textos. Aqui e sempre.

Digo que tanto que Deos fez o homem mandou deitar um pregão no paraíso terreal que nenhum serafim, nem anjo, nem arcanjo, nem homem, nem mulher, nem santo, nem santa, nem santificado no ventre de sua mãe, nam fosse tam ousado que se entremettesse nas cousas que estão por vir.

E depois no tempo de Mousés mandou deitar outro pregão que a nenhum adevinhadeiro nem feiticeiro nam dessem vida.

E depois de feito Deos e homem deitou outro pregão sobre o mesmo caso dizendo aos discípulos: nam convém a vós outros saber o que está por vir porque isso pertence à onipotência do Padre.

Polo qual mui maravilhado estou dos letrados mostrarem-se tam bravos contra tam horridos pregões

e defesas do Senhor, sendo certo que nunca coisa destas disseram de que nam ficassem mais mentirosos que profetas, e nam menos me maravilho daqueles que crem que nenhum homem pode saber aquilo que nam tem ser senam no segredo da eternal sabedoria, que o tremor da terra ninguém sabe como é quanto mais quando será e camanho será.

Ciência e magia são humanas e presenciais:

Se dizem que por estrolomia que é ciência o sabem nam digo eu os d'agora que a nam sabem soletrar mas é em si tam profundíssima que nem os de Grécia, nem Mousem, nem Joanes de Monterégio alcançaram da verdadeira judicatura peso de um ouçãõ.

E se dizem que por mágica esta carece de toda a realidade e toda a sustância sua consiste em aparências de cousas presentes e do porvir nam se sabe nenhũa cousa.

Se por spírito profético, já crucificaram o profeta derradeiro, já nam há d'haver mais.

Segundo assunto: não é prudência nem serviço de Deus interpretar a catástrofe como castigo dos pecados do reino e buscar vítimas expiatórias nos estrangeiros da fé.

Vinte e cinco anos antes, em 3 de Março de 1506, Vicente dizia na *Pregação feita em Abrantes: es por demás pedir al judío / que sea cristiano en su corazon*. Em 1531, a questão dos judeus é história de actualidade que o tremor de terra vem exacerbar. O ódio aos cristãos novos exprime-se de novo com violência a partir das cortes de Torres Novas em 1525, e a tormenta provoca perseguições cruentas. A fúria popular é rebelde e incontrollável e urge a instância de um lugar purificador legal. A história de Orestes justifica o Areópago e João III vai obter de Roma o tribunal da Inquisição.

Em 17 de Dezembro de 1531, uma primeira bula nomeia inquisidor do reino frei Diogo da Silva, confessor real. A execução não é imediata. No ano seguinte, os judeus conseguem comprar o perdão papal e Vicente representa-os submissos e amavelmente caricaturados na introdução do auto da *Lusitânia*.

A fala de Vicente em 1531, em Santarém, é teatro de lei e conforme à vontade real. Reprova a acção histerizante dos pregadores e, contra a *desvairada openião do vulgo* e as matanças sumárias, preconiza um concerto de acções de nova ordem: *animar, confessar, provocar*:

Concruo virtuosos padres sob vossa emenda que nam é de prudência dizerem-se tais cousas publicamente nem menos serviço de Deos porque pregar nam há-de ser

praguejar. As vilas e cidades dos reinos de Portugal, principalmente Lisboa, se i há muitos pecados, há infindas esmolas e romarias, muitas missas e orações e procissões, jejuns, disciplinas e infindas obras pias públicas e secre (258) tas.

E, pela primeira e única vez no texto, alude aos judeus:

E se alguns i há que são ainda estrangeiros na nossa fé e se consentem, devemos imaginar que se faz por ventura com tam santo zelo que Deos é disso muito servido e parece mais justa virtude aos servos de Deos e seus pregadores animar a estes e confessá-los e provocá-los que escandalizá-los e corrê-los por contentar a desvairada openião do vulgo.

Sem mais dados directos é impossível prosseguir o restauro. Apenas posso acrescentar que a relação entre quem fala e quem ouve reaparece pouco depois na apresentação pública de conclusões várias que Amato Lusitano, o médico e humanista a quem agora volto, realiza noutro convento de Santarém e descreve mais tarde:

... juvenis ego, abhinc viginti et amplius annis ... apud coenobium D. Dominici ab Alto ... publice Sancterenae ... magna spectante hominum litteratorum concione conclusiones varias publice sustinerem ... eo anno quo Rex joannes tertius, elapsis nonnullis annis, post terrae motus horribilis eventum Olissipponae et regioni ei circumvicinae, apud Almerinum oppidum agebat et universa eius cura Sancterenae erat.

Poucos dias depois da sua estranha acção, Vicente envia ao rei, que está refugiado em Palmela desde 4 de Fevereiro, um relato em carta que é o único documento conhecido do auto. Tem em simultâneo os estatutos de memória descritiva, provocação de nova encomenda e discurso de intenção de serviço real (e divino). O relato é precaução escrita: e Vicente parece querer ser o primeiro a ir contar.

A versão impressa não tem os signos protocolares de abertura e fecho mas pode ler-se como representação do autógrafo mandado para Palmela.

Três linhas de programa – em letra romana – enunciam o autor, o novo destinatário e o motivo: o do auto, reescrito como motivo da carta. E a data que não é a da feitura do auto nem a da missiva, mas a do acontecimento que desencadeia a produção: o tremor de terra de 26 de Janeiro de 1531.

O espaço de transcrição – em letra gótica de soma, a que marca texto do autor – tem uma relação com o auto que é diferente de todo o resto do que é a *Copilaçam*: o aspecto é da ordem epistolar e o leitor folheante, que não tem aviso de género, pode não reconhecer a memória do teatro.

Senhor:

Os frades de cá nam me contentaram nem em púlpito nem em prática sobre esta tormenta da terra que ora passou, porque não abastava o espanto da gente mas ainda eles lhe afirmavam duas cousas que os mais fazia esmorecer:

A primeira que polos grandes pecados que em Portugal se faziam a ira de Deos fizera aquilo e nam que fosse curso natural, nomeando logo os pecados por que fora em que pareceu que estava neles mais soma de ignorância que de graça do Spírito Santo.

O segundo espantallo que à gente puseram foi que quando aquele terramoto partiu ficava já outro de caminho senam quanto era maior e que seria com eles à quinta feira ùa hora depois de meo dia.

Creo o povo nisto de feiçam que logo o saíram a receber por esses olivais e inda o lá esperam.

O projecto de tomada de palavra iliba-se por saturado de intenção e, à luz das primeiras letras, produz-se o efeito vertiginoso de não haver fingimento.

E juntos estes padres a meu rogo na crasta de são Francisco desta vila, sobre estas duas proposições lhe fiz ùa fala da maneira seguinte:

O discurso muda de direcção e de tempo, e insere a transcrição de palavras que terão sido do auto e já citei. A notação do teatro em carta é anómica e imperfeita.

A parte final refere a João III o bom acolhimento do auto e a razão da escrita:

E porque tudo me louvaram e concederam ser muito bem apontado o mandei a vossa alteza por escrito até lhe Deos dar tanto descanso e contentamento como em todos seus reinos é desejado, pera que por minha arte lhe diga o que aqui falece.

por minha arte? O programa é indecifrável, mas anoto que pode haver memória do auto de Santarém no teatro posterior: *Jubileu d'Amores, Lusitânia*, abertura de *Mofina Mendes*.

Vicente conta ainda que a diligência foi produtiva.

Cumpriu-se um projecto teatral de intervenção e o auto absolve-se como claro serviço do rei:

E porém saberá vossa alteza que este auto foi de tanto seu serviço que nunca cuidei que se oferecesse caso em que tam bem empregasse o desejo que tenho de o servir, assi vezinho da morte como estou: porque à primeira pregação os cristãos novos desapareceram e andavam morrendo de temor da gente e eu fiz esta diligência e logo ao sábado seguinte seguiram todolos pregadores esta minha tenção.

A fortuna posterior da carta é romance censurado.

A *Copilaçam* de 1562 transcreve o texto da carta no quinto livro que é o das *cousas meúdas*.

Em 1586, o texto da ortodoxa, cauta e obediente epístola que o rei terá apreciado já não surge na segunda *Copilaçam*. Os juízos censórios são também insondáveis, mas o gesto de frei Bartolomeu Ferreira não parece muito atento. Alertado pela primeira frase – *os frades de cá nam me contentaram nem em púlpito nem em prática* – o censor não lê o modo de fazer sentido da narração e do narrado.

Todas as censuras erram os seus próprios projectos: inevitabilidade ou providência.

O texto reaparece em 1834 na edição de Hamburgo. Alguma literatura romântica saudou a carta como coragem irmã e antepassada, mas sem se lembrar de lhe pôr a sério a pergunta do teatro e da história, de a interrogar como documento de uma acção teatral concreta e susceptível de restauro imaginário. Outra maneira de censura, que a si mesma se não reconhece como tal.

No século XX, a carta surgiu como nota *tão preciosa para avaliar o carácter* do autor (Braamcamp Freire, 1919). Mas, mais que testemunho de um carácter, é nota de um comportamento e importa ser lida como tal.

Em 1912, Carolina Michaëlis de Vasconcelos escreve: *é um dos melhores Autos do Repertório de Gil Vicente*. E em 1922: *esse bellissimo e audacíssimo Auto do Mestre*. Mas *Auto* tem nos dois contextos valor metonímico e o nome sujeito não é *o teatro*, é *a carta*.

Em 1965, André Crabbé Rocha analisa e inclui o texto no volume antológico *A Epistolografia em Portugal*.

Em 1968, Firmino Crespo no artigo «Gil Vicente e Amato Lusitano em Santarém», publicado no número 47 de *Colóquio*, relaciona as duas presenças e as duas acções.

Em 1983, publiquei no número 71 de *Colóquio*. *Letras* um primeiro estudo do auto: «Vicente, Santarém, 1531».

O texto que apresento é lido por um exemplar da edição fac-similada de 1928 (Lisboa: Biblioteca Nacional), em que foram integradas emendas propostas por Stephen Reckert (1963).

A transcrição é feita com uma máquina que não trabalha com os materiais e as regras da tipografia quinhentista. Tem como projecto representar a mesma realidade linguística, praticando convenções ortográficas em vigor em 1988.